



“O que temos, no momento, é, digamos assim, ‘eu sei fazer’. Olha como eu sei dirigir? Olha como eu sei atuar? [...] Mas o todo não se completa.”

Trecho da crítica *Desencontros de uma queda*, de Aline Valim

Crítica misteriosa põe anonimato em debate

Polêmica sobre a identidade da blogueira Aline Valim divide opiniões e questiona qualidade da análise teatral catarinense

“O jogo com o público não acontece e a dramaturgia do espetáculo não se revela”, comenta Aline Valim na crítica *Desencontros de uma queda*. Publicado no *Diário Catarinense* de 13 de setembro de 2008, o texto é sobre o monólogo *Simulacro de uma Solidão*, dirigido por Jefferson Bittencourt e protagonizado por Marisa Napolini. Valim fala da composição de cena, do jogo de luzes e da atuação de Napolini e resalta alguns aspectos em que a peça, em sua opinião, deveria ser melhorada. Diretor e atriz fizeram questão de responder à crítica e revelaram que Aline Valim não passa de um pseudônimo. Até o fechamento desta edição, sua identidade continuava gerando especulações.

Na semana seguinte à publicação da crítica, veio a repercussão. O artigo *Sobre ética e crítica em tempos de internet*, de autoria de Bittencourt e Napolini, contestou a função social da crítica anônima, desqualificando o discurso de Valim e de outra blogueira, Sara Kane, também um pseudônimo. Kane publicou críticas teatrais em seu blog entre setembro de 2006 e setembro de 2007 e também foi responsável por animosidades no meio teatral catarinense. A partir de então, atores, diretores, escritores, estudantes, críticos e professores se posicionaram em relação à polêmica: de um lado, há quem defenda o anonimato como refúgio para a irresponsabilidade de quem critica; de outro, há quem pense que o importante é o discurso da crítica, e não seu autor.

A discussão ganhou espaço nas páginas do caderno de cultura do *DC* nas semanas seguintes, com textos do escritor Amílcar Neves e do professor de lin-

güística Heronides Moura, conhecido como Heron. Até o blog de Sara Kane, inativo há mais de um ano, voltou a receber postagens. Aline Valim, centro da polêmica, parou de escrever para o jornal e seu blog foi removido.

Crítica em crise

Para dar novo fôlego à discussão, o poeta Marco Vasques — que estimula o mistério das identidades de Valim e de Kane — organizou no dia 3 de outubro um encontro entre escritores e intelectuais no bar do Centro Integrado de Cultura (CIC), o *Café Matisse*.

Juliana Sakae



Discussão ganhou força com camisetas

No local, a venda de camisetas com os dizeres “Eu sou Aline Valim” e “Vá ao teatro com Aline Valim” mostravam que a questão não se concentrava mais na identidade secreta da crítica. O professor Moura explica: “A situação atual só denota a crise pela qual a crítica cultural local vem passando, e esse episódio foi para atentar as pessoas para a

realidade. E isso não ocorre apenas no teatro, mas na música e na literatura também”.

Críticos locais conhecidos, como Edécio Mostaço e Eliane Lisboa, não escrevem mais para os jornais catarinenses e não foram substituídos por novos profissionais. “De fato, se houvesse incentivo à formação de críticos ou ao exercício do debate artístico, fenômenos como Valim e Kane não teriam atingido proporções exageradas”, completa Moura. O professor Stephan Baumgärtel, que leciona a disciplina de crítica cultural no curso de Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), aponta uma das causas do problema. “Falta interesse da mídia local em fazer uma cobertura cultural de qualidade”, afirma. Já Amílcar Neves acredita que a falta de profissionais na área seja graças à vaidade que prejudica as relações entre os envolvidos na produção de um espetáculo e os críticos.

Valim criou um novo blog (www.dossievalim.blogspot.com). Após a repercussão do caso, resolveu fazer uma compilação do conteúdo que a envolveu e publicou em seu espaço virtual. Críticas e polêmicas parecem estar fora dos objetivos deste novo capítulo, pelo menos por enquanto. Mas quem mais tem a perder com esta falta é o público leigo, segundo o mineiro Sábado Magaldi, respeitado nacionalmente por seus sessenta anos de experiência como crítico teatral. Para ele, “a crítica bem elaborada enriquece culturalmente o espectador”. Ao ser questionado sobre a questão do anonimato, Magaldi é taxativo: “É uma sem-vergonhice”.

Reportagem de Celso Rondon Filho

Professores discutem estruturação da crítica e a necessidade de base teórica

Além do anonimato, a polêmica em torno de Aline Valim desencadeou debates sobre a formação do crítico cultural. A discussão aborda a diferença entre a crítica de opiniões e “impressões pessoais”, como foram qualificados alguns dos textos da autora. Apesar de não invalidar a opinião de Valim, a qualificação expõe a falta de base teórica em suas críticas.

Stephan Baumgärtel, professor de crítica cultural na Udesc, diz que, em termos

conceituais, a crítica se constrói em três momentos: apresentação do espetáculo, análise técnica e, por fim, argumentação sobre a função social e relevância da obra. Todas devem ser baseadas em princípios estéticos e expor a discussão que a peça se propõe a trazer. Pode concordar ou não com seu conteúdo e, ainda assim, avaliar que o espetáculo cumpriu seu objetivo. O mais importante é que a crítica promova o debate estético, ou seja, a re-

flexão sobre o valor artístico da obra.

Os currículos dos cursos de Artes Cênicas da UFSC e da Udesc, com respectivas 60h e 36h dedicadas ao ensino da crítica teatral, mostram que a formação de críticos é um objetivo secundário. O professor de linguística Heronides Moura considera que há falta de interesse dos alunos em exercer a crítica, por ser uma atividade de risco e sempre sujeita a repressalias. (C.R.F.)



Carolina Faller Moura

Andrey e a Baba é umas das 14 bandas associadas e ganhou visibilidade no Clube da Luta

Clube da Luta quebra os limites do Célula e vai parar na MTV

Na cortina de plástico que dá para o banheiro, a proposta: “o Clube da Luta não convida, convoca”. Enquanto o show não começa, o telão distrai e o caça-palavras estampado na parede diverte os curiosos. As bandas da noite são três das 14 associadas ao Clube da Luta. Pop rock, reggae, rock ‘n roll, MPB, rock com peixe frito e funk, unidos pelo ideal da música independente. A ideia tem dado certo. O Clube, que já é até tema de debate acadêmico, se apresentou em grandes eventos no estado — como o Planeta Atlântida e o Festival de Outono de Florianópolis — e também em Porto Alegre, Rio de Janeiro e Curitiba. Agora, a aposta é uma parceria com a MTV.

Sexta-feira não é noite de *cover*. A ideia de unir grupos de música autoral em Florianópolis foi de Márcio Costa, guitarrista da Tijuquera. Marcinho, inspirado no Movimento Popular Carioca, importou a ideia para a ilha em setembro de 2006 e fundou o Clube da Luta, realizado inicialmente no Fios & Formas, antigo salão de cabeleireiro embaixo da Ponte Hercílio Luz. Em janeiro deste ano, foi para o Núcleo Célula Cultural, que também é palco de outros eventos, no bairro João Paulo.

Os ingressos custam R\$5 ou, após às 23h, R\$10. Com capacidade para 350 pessoas, o faturamento médio da casa é de R\$1500 por noite. Mas, para as bandas, nada de cachê. O dinheiro paga os custos de cerca de R\$500 e o restante vai para a divulgação. “Não ganhamos nada. É como uma cooperativa, cada um contribui com a sua platéia”, diz Vina, do Da Caverna. O grupo saiu da garagem quando entrou para o Clube, mas ainda não vive de música, como a grande maioria das bandas associadas, formadas por músicos de 20 a 50 anos. Algumas começam a chegar perto desse ideal. É o caso da Aerocirco e da Maltines, finalistas do programa Gassound da Rede TV!

Na internet, o Clube da Luta é conhecido. No site *Myspace*, foi destaque das cenas locais do Brasil e a comunidade do *Orkut* tem mais de mil

membros. Agora, veio a parceria com a MTV. A ideia é veicular, nos intervalos comerciais, vinhetas sobre o Clube, que também será mencionado pelos VJs. O evento será divulgado, enquanto preenche a programação da emissora. “Já temos o contrato, que será feito em forma de permuta”, diz Marcinho. Uma das vinhetas está pronta, esperando o fim das negociações para entrar no ar.

Questionado se a aparição no canal de TV não seria uma submissão à indústria cultural que contraria o ideal de independência das bandas, Ulysses Dutra — guitarrista da Coletivo Operante — afirma que o Clube viu na proposta da MTV uma chance de atingir maior público.

No dia 28 de outubro, o debate *Produção e circulação da música independente em Santa Catarina*, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), abordou o Clube nas discussões. André Guesser, um dos organizadores do evento, estava entre os convidados. “Floripa está vivendo seu melhor momento de música independente”, considerou o guitarrista da Samambaia Sound Club.

O estudante Fernando Barbosa frequentava o Célula e o define como o lugar mais alternativo da cidade. “É para a galera que não se enquadrou no sistema de música eletrônica e enlatada”. O vocalista e guitarrista de uma de suas bandas preferidas, o Vina do Da Caverna, diz que além do preconceito contra a música autoral, falta educação musical. “O pessoal está acostumado a ouvir música de fora e não valoriza a própria”, lamenta.

Em reuniões semanais, os integrantes planejam a construção de um escritório para o Clube e dividem funções, como produção artística, vendas e contabilidade. “O próprio nome Célula é uma metáfora de uma estrutura que se organizou, criou limites”, explica Zé da Silva, guitarrista da Andrey e a Baba do Dragão de Komodo.

Luisa Frey com reportagem de Márcio Barcellos